

O ENSINO DO CONTRÔLE DA FERTILIDADE E DE PROBLEMAS POPULACIONAIS EM ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS ⁽¹⁾

João YUNES ⁽²⁾

YUNES, J. — O ensino de controle da fertilidade e de problemas populacionais em escolas médicas brasileiras. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 4:79-84, jun. 1970.

RESUMO — Foi realizada em 1967 uma pesquisa sobre o ensino do controle da fertilidade e de problemas populacionais em 42 escolas médicas brasileiras. Verificou-se, que das 22 escolas médicas que responderam ao questionário, 14 ensinavam o controle da fertilidade e 6 expressaram interesse em iniciar tal ensino. Grande interesse foi demonstrado nos aspectos sociais e demográficos e grande ênfase foi dada para a indicação do controle da fertilidade nos casos de “enfermidade ou agravamentos físicos”, assim como para “problemas psiquiátricos”. A viabilidade de clínicas para o ensino aos estudantes de medicina em técnicas contraceptivas foi em geral muito baixa. O uso de pílulas anovulatórias e o método do ritmo foram os contraceptivos preferidos para o ensino.

MATERIAL E MÉTODO

Antes do estudo ser realizado, a Organização Panamericana da Saúde (OPS) foi consultada para opinar sobre a viabilidade e a importância que poderia apresentar tal pesquisa, em uma época em que o assunto era sobejamente discutido. Uma resposta favorável foi dada pela OPS, tendo a mesma fornecido o número e endereços das escolas médicas brasileiras existentes em 1966³. Este tipo de estudo foi realizado também para as escolas médicas norte-americanas e latino-americanas^{1, 2, 4}. Porém, apresentaremos sômen-

te os principais resultados fornecidos pelas escolas médicas brasileiras. Para tanto, foi elaborado um questionário e enviado a cada uma das escolas, acompanhado de uma carta dirigida aos seus Diretores bem como aos dirigentes dos departamentos de Obstetria e Ginecologia, Medicina Preventiva e Clínica Médica. Para as escolas que não contestaram o questionário, enviou-se, por três vezes consecutivas, outro exemplar do mesmo, seguido de uma carta explicando a importância que oferecia este estudo.

Recebido para publicação em 27-2-1970.

- (1) Estudo realizado em 1967, durante o Curso para “Master in Public Health”, da Escola de Saúde Pública da Universidade de Michigan — Ann Arbor — USA. A publicação dos resultados deste trabalho deve-se em parte, à ajuda do Dr. Johan W. Eliot, professor da Universidade de Michigan e do Dr. Francisco Villadiego, Médico do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública da mesma Universidade.
- (2) Do Centro de Dinâmica Populacional do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Medicina da USP e do Grupo de Pediatria Social da Faculdade de Medicina da USP — São Paulo, S.P., Brasil.

O processamento de dados foi realizado no Centro de Planejamento Populacional da Escola de Saúde Pública da Universidade de Michigan.

RESULTADOS E ANÁLISE

Das 42 escolas médicas brasileiras, 22 (52,8%) responderam os questionários enviados, proporção considerada bastante satisfatória, para um país onde este método de pesquisa não é uma tradição. Destas Escolas, 14, ou seja, 63,6% declararam ensinar o controle da fertilidade, sendo que das 8 Escolas restantes que não ensinavam, 6 mencionaram planos de inclusão no curriculum médico em futuro próximo. Muitas delas solicitaram ao Centro de Planejamento Populacional a remessa de material e publicações sobre o assunto. Uma das Escolas declarou ser contrária ao ensino do controle da fertilidade, por ser o Brasil um país de dimensões iguais às dos Estados Unidos, mas com a metade da população deste.

A maioria das Escolas que responderam o questionário, ou seja, 14 o fizeram através do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia; 4 através dos Departamentos de Obstetrícia e Ginecologia e Medicina

Preventiva concomitantemente; e, as 4 Escolas restantes, através dos Departamentos de Clínica Médica, Medicina Preventiva, Endocrinologia e combinações de todos estes Departamentos, conforme se observa na Tabela 1.

Das 14 Escolas que ensinavam o controle da fertilidade, 57,5% o faziam pelo Departamento de Obstetrícia e Ginecologia; 28,5% através dos Departamentos de Obstetrícia e Ginecologia e Medicina Preventiva concomitantemente; e, 14%, respectivamente pelos Departamentos de Medicina Preventiva e Endocrinologia, de acordo com a Tabela 1.

Indicações para o ensino do controle da fertilidade

Entre os principais fatores que justificaram o ensino do controle da fertilidade, as indicações por “enfermidade ou agravamento físico” e “enfermidade ou problemas psiquiátricos”, foram apontados unânimes pelas 11 escolas que responderam a esse quesito, conforme se observa na Tabela 2. O “retardamento mental”, a “limitação do tamanho da família” e o “stress sócio-econômico” foram apontados em 90,9% das indicações. Seguem-se, em ordem de prioridade, as indica-

TABELA 1

Departamentos das Escolas Médicas Brasileiras que responderam ao questionário e proporção dos que ensinavam o controle da fertilidade.

Departamentos	N.º de Escolas que responderam p/Departamento	N.º de Escolas que ensinavam o controle da fertilidade
Obstetrícia e Ginecologia	14 (64,0%)	8 (57,5%)
Medicina Preventiva	1 (4,5%)	1 (7,0%)
Clínica Médica	1 (4,5%)	0 (0,0%)
Obstetrícia e Ginecologia e Médic. Prevent. e Clín. Médica	1 (4,5%)	0 (0,0%)
Obstetrícia e Ginecologia e Medicina Preventiva	4 (18,0%)	4 (28,5%)
Endocrinologia	1 (4,5%)	1 (7,0%)
TOTAL	22 (100,0%)	14 (100,0%)

ções por “defeito genético” e “aumento do intervalo entre os nascimentos” (81,8%); “história do aborto provocado” (54,6%); “prevenção de problemas conjugais” (45,4%); “rotina em exames pós-partum” e “a simples pedido do paciente” (36,4% e 18,2% respectivamente). Vem nos chamado a atenção o fato do “aborto provocado” ser freqüentemente apontado pelos médicos como indicação prioritária para o controle da natalidade. No entretanto, em nossa tabulação este achado não foi encontrado.

queno conforme descreveremos adiante. No Brasil, carecemos de profissionais que tenham formação adequada em demografia. Recentemente, em 1966, a Faculdade de Saúde Pública da USP, estabeleceu um convênio entre o Governo Brasileiro e a Organização Panamericana da Saúde, criando o Centro de Estudos de Dinâmica Populacional (CEDIP), tendo como principal objetivo o ensino e pesquisa no campo da demografia, oferecendo para isto, anualmente, cursos para profissionais graduados em ciências médicas e humanas, bem como para

TABELA 2

Indicações apontadas para o ensino do Controle da Fertilidade *

Indicações	Sim		Não	
	N.º	%	N.º	%
Enfermidade ou agravamentos físicos	11	100,0	0	0
Enfermidade ou problemas psiquiátricos	11	100,0	0	0
Retardamento Mental	10	90,9	1	9,1
Defeito genético	9	81,8	2	18,2
Aumento de intervalo entre os nascimentos	9	81,8	2	18,2
Limitação do tamanho da família	10	90,9	1	9,1
“Stress” sócio-econômico	10	90,9	1	9,1
Prevenção de problemas conjugais	5	45,4	6	54,6
Rotina em exames de post-partum	4	36,4	7	63,6
História de aborto provocado	6	54,6	5	45,4
A simples pedido da paciente sem indicação necessária	3	18,2	8	81,8
Outros	—	—	—	—

(*) Percentagem baseada em 11 “escolas que ensinam o controle de fertilidade”.

Paralelamente ao ensino do controle da fertilidade, 85,8% das escolas médicas, ensinavam os aspectos demográficos em âmbito local, nacional e mundial (Tabela 3). Esta constatação deve-se, provavelmente, ao fato do problema do crescimento populacional ser um dos assuntos mais discutidos no mundo hodierno, tanto por suas implicações sociais, econômicas e políticas, como por razões de saúde pública. Presume-se que este ensino, oferecido pelas escolas médicas, seja bem elementar, uma vez que o número de horas de aulas por ano, do curso médico, é pe-

profissionais de pós-graduação em saúde pública.

TABELA 3

Ensino dos aspectos demográficos em âmbito local, nacional e mundial, paralelamente ao ensino do controle de fertilidade.

Tipo de respostas	N.º	%
Sim	12	85,8
Não	1	7,1
Não declarado	1	7,1
TOTAL	14	100,0

Métodos de controle de fertilidade ensinados

Classificamos o estudo dos métodos ensinados como preferidos, aprovados e não preferidos, desaprovados, não discutidos e não mencionados (Tabela 4). Entre os métodos preferidos, 66,7% das Escolas ensinavam o uso das pílulas anovulatórias, 58,1% o método do ritmo ou Ogino-Knauss, 33,3% o dos dispositivos intrauterinos e preservativo. Os outros métodos eram ensinados em menos de 16,6% das escolas médicas e entre eles destacaram-se o diafragma, geléias, duchas pós-coito, tabletes espumantes, cremes, interrupções do coito, supositórios e esponjas. Mais de 50% das Escolas desaprovaram a interrupção do coito e a ducha pós-coito como método de ensino. Entre os métodos que menos se discutia destacaram-se, em cerca de 30% das Escolas, os supositórios, esponjas e tabletes espumantes. A proporção de outros métodos ensinados de acordo com a preferência pode ser observada com maiores detalhes na Tabela 4.

Chamou-nos a atenção a proporção de escolas médicas (58,1%) que preferem o método do ritmo para ensino, tendo 33,3% aprovado este método — mas não era o preferido — e somente uma escola desaprovado. Entre as variantes do método do ritmo ensinado estudou-se o método do calendário, da temperatura basal e do teste da glicose; das escolas que ensinavam o método do calendário, 50% o consideraram preferido e 20% aprovado e não preferido (Tabela 5). O restante das Escolas não discutiram ou não mencionaram esta variante. Das que ensinavam o método da temperatura basal como método do ritmo, 60% o consideraram como preferido e somente 10% o aprovaram mas não o preferiram. As demais Escolas desaprovaram ou não mencionaram esta variante do método. Nenhuma delas preferiu o teste da glicose como método do ritmo, sendo que 60% não o mencionaram como variante do método, 30% não o discutiram e 10% o desaprovaram.

TABELA 4

Métodos de controle de fertilidade ensinados *

Métodos ensinados	Preferidos		Aprovados n/ preferidos		Desaprovados		Não discutidos		Não mencionados	
	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
Ritmo	7	58,1	4	33,3	1	8,6	—	—	—	—
Pílulas anovulatórias	8	66,7	4	33,3	—	—	—	—	—	—
Dispositivos Intrauterinos	4	33,3	4	33,3	3	25,0	1	8,4	—	—
Interrupção do coito	1	8,4	2	16,6	6	50,0	1	8,4	2	16,6
Preservativo	4	33,3	4	33,3	3	25,0	1	8,4	—	—
Diafragma	2	16,6	8	66,8	2	16,6	—	—	—	—
Geléias	2	16,6	5	41,7	4	33,3	1	8,4	—	—
Duchas pós-coito	2	16,6	2	16,6	7	58,4	1	8,4	—	—
Supositórios	1	8,4	2	16,6	4	33,3	4	33,3	1	8,4
Esponjas	1	8,4	1	8,4	5	41,5	4	33,3	1	8,4
Tabletes espumantes	2	16,6	2	16,6	4	33,4	4	33,4	—	—
Cremes	2	16,6	4	33,4	4	33,4	2	16,6	—	—
Outros	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

(*) Percentagem baseada em 12 "escolas que ensinam o controle de fertilidade".

TABELA 5
Variantes do método do ritmo ensinadas *

Variantes	Preferidas		Aprovadas n/preferidas		Desaprovadas		Não discutidas		Não mencionadas	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Método do Calendário	5	50,0	2	20,0	0	0	1	10,0	2	20,0
Temperatura Basal	6	60,0	1	10,0	1	10,0	—	—	2	20,0
Teste de Glicose	—	—	—	—	1	10,0	3	30,0	6	60,0

(*) Percentagem baseada em 10 "escolas que ensinam o controle de fertilidade".

Métodos pedagógicos utilizados e presença de clínicas de planejamento familiar para o ensino dos estudantes de medicina

A maioria das escolas, ou seja, 71,4% ensinavam o controle da fertilidade através de aulas teóricas ou seminários e somente 28,6% utilizavam-se de pacientes ou de recursos audio-visuais. Das escolas médicas que ensinavam o controle da fertilidade, 10 (71,4%) não dispunham de clínica de planejamento familiar e 4 (28,6%) possuíam clínicas em hospitais filiados às Escolas. Durante a época da pesquisa, 3 Escolas declararam que instalariam clínicas de planejamento familiar.

Número de horas destinado ao ensino de controle da fertilidade nos diversos anos do curso médico

O ensino do controle da fertilidade, quer através de aulas e demonstrações ou de práticas clínicas era ministrado desde o 2.º ao 5.º ano do curso médico, estando concentrado geralmente neste último ano, conforme se observa na Tabela 6. Uma das escolas ensinava a matéria em dois anos do curso, ou seja, no 4.º e 5.º ano; outra ensinava durante quatro anos, isto é, do 2.º ao 5.º ano; as restantes ensinavam somente em um dos anos do curso médico. Em relação ao número de horas para aulas e demonstrações teóricas, as

TABELA 6
Distribuição de horas dispendidas no ensino de controle de fertilidade.

Ano	Aulas e/ou Demonstração			Prática Clínica		
	N.º de * escolas	Médias horas/ano	Amplitude	N.º de * escolas	Médias horas/ano	Amplitude
1.º	—	—	—	—	—	—
2.º	1	4	4	1	10	10
3.º	1	4	4	1	10	10
4.º	4	9,3	3 — 21	2	6	2 — 10
5.º	8	3,5	1 — 10	2	6	2 — 10
6.º	—	—	—	—	—	—

(*) Cálculo baseado em 10 "escolas que ensinam o controle da fertilidade.

Escolas destinavam de 1 a 21 horas anuais encontrando-se maior número no 4.º ano onde as escolas, no seu conjunto, dispndiam em média 9,3 horas por ano. Para a prática clínica, o número de horas anuais variou de 2 a 10 horas. A maioria das escolas, ou seja, 80% não dedicavam nenhum tempo para prática clínica. Conforme se observa na Tabela 7, das 14 Escolas que ensinavam o controle da fertilidade, 50,0% não examinavam os alunos nesta matéria, enquanto que 42,8% o faziam.

TABELA 7

Exames sobre a matéria "controle da fertilidade"

Tipos de respostas	N.º	%
Sim	6	42,8
Não	7	50,0
Não declarado	1	7,2
TOTAL	14	100,0

YUNES, J. — [The teaching of fertility and population problems at Brazilian schools of medicine]. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 4:79-84, jun. 1970.

SUMMARY — A survey of teaching about fertility regulation and population problems in the 42 medical schools of Brazil

was carried out in 1967. Fertility regulation was taught in 14 of the 22 schools which replied, and 6 expressed intention to start such teaching. Interest in demography and social aspects was higher, and great emphasis was placed on giving contraceptive help for "physical illness" or "impairment" and "psychiatric problems". Availability of clinical facilities for teaching students to give contraceptive services was generally low. Pill and the rhythm method were the preferred contraceptive for teaching medical students.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. ELIOT, J. W. & HAUSER, C. — The teaching of human reproduction, sexuality and family planning in 26 Middle North American medical schools. In: MACY FOUNDATION CONFERENCE ON TEACHING FAMILY PLANNING IN MEDICAL SCHOOLS, 4th, Ann Arbor, Mich., 1968.
2. ELIOT, J. W.; VILLADIEGO, F. & YUNES, J. — Instruction in fertility regulation in medical schools of Latin America. *J. med. Educ.*, 44:1044-50, Nov. 1960.
3. PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Directory of schools of medicine in Latin America, 1966*. Washington, Medical Information Center, 1967.
4. TIETZE, C. et al. — Teaching of fertility regulation in medical schools: survey in the United States and Canada, 1964. *J. Amer. med. Assoc.*, 196:20-4, Apr. 1966.